

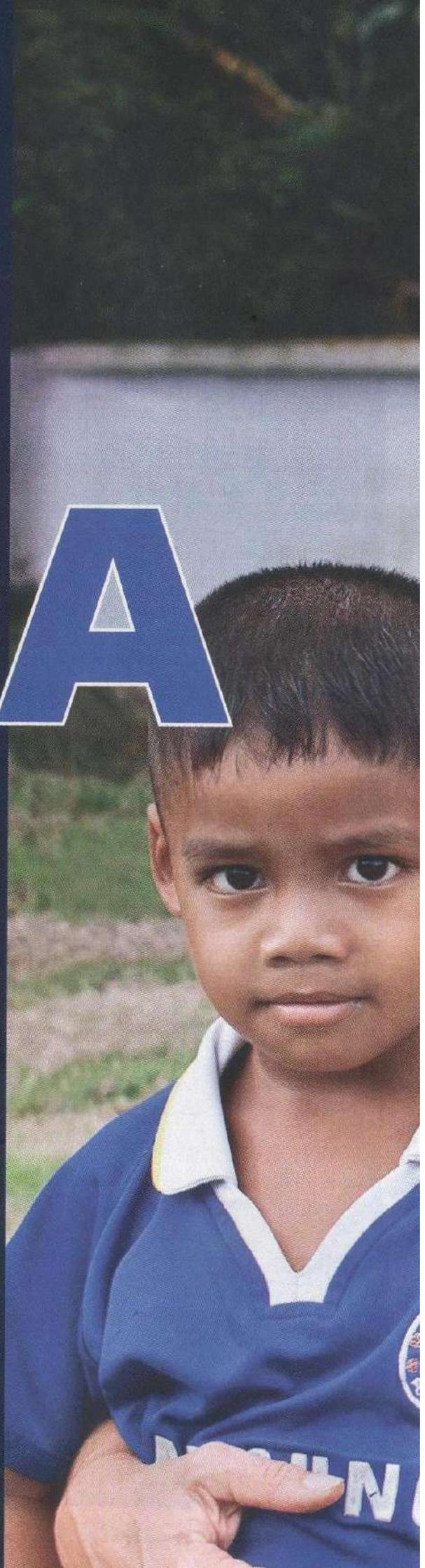
Susanne no Barnhem com
dois jovens moradores

EM CASA

Diante da pior
perda para uma
mãe, Susanne
Janson encontrou
uma razão
para viver

POR ERIN MILLAR

FOTO: © TIM PELLING





Susanne Janson dorme profundamente na manhã seguinte a um Natal muito movimentado quando o telefone rompe o silêncio no seu apartamento em Estocolmo, na Suécia.

– Uma coisa horrível aconteceu na Tailândia – diz seu pai, a voz trêmula. – Você sabe onde estão as meninas?

Josefin, de 12 anos, e Eleonor, de 14, filhas de Susanne, estão passando as férias com o pai e sua nova família em Khao Lak, uma faixa de areia branca cercada de palmeiras no sul da Tailândia. A pergunta do pai faz o coração de Susanne parar na boca.

Na mesma hora, ela liga para o celular das filhas, enquanto o companheiro Hans Forssell liga a televisão. Todos os noticiários falam do terremoto no litoral de Sumatra que provocou uma parede d'água de 30 metros e terminou por destruir 300 mil vidas em 14 países do sul da Ásia e da África Oriental.

se aglomeram na casa de Susanne e Hans, assistindo obcecados à televisão, vasculhando a Internet – tudo em busca de notícias dos sete familiares desaparecidos.

A falta de informações deixa Susanne, de 41 anos, cada vez mais histérica. E se fosse até onde as filhas foram vistas pela última vez... conse-

Sobreviver teria sido um milagre. O mundo de Susanne está despedaçado.

O telefone das meninas toca sem parar. Ninguém atende.

Uma notícia fala de mais de uma dúzia de suecos mortos. Desesperada, Susanne liga para o celular do ex-marido. Ninguém atende. Aumenta o número de suecos atingidos: dezenas, depois mais de cem, depois centenas. Ela liga novamente para Josefin e Eleonor. Ninguém atende também.

Hans desliga a televisão.

Assim a manhã vira tarde e depois noite, enquanto amigos e familiares

guiria encontrá-las? Ela e Hans, de 35 anos, decidem ir à Tailândia procurar.

Quando o avião decola do aeroporto de Estocolmo rumo a Bangkok, a mais de 8 mil quilômetros, Susanne nem imagina que não voltará mais à sua vida antiga. Também não sabe que, embora vá à Tailândia procurar as filhas, encontrará, em vez disso, uma vida nova e bastante inesperada.

O caos recebe Susanne e Hans quando pousam. Sem conhecerem

a língua uns dos outros, sem sequer compartilharem o mesmo alfabeto, os funcionários do hospital tailandês têm dificuldade de identificar quem tratam. Circulam boatos disparatados; alguns dizem que os sobreviventes estrangeiros foram levados de avião para outros países.

No centro da cidade de Phuket, onde se concentram socorristas e autoridades tailandesas, Susanne e Hans ganham alguma esperança. Os nomes dos recém-resgatados circulam, e os que procuram entes queridos contam histórias de vítimas encontradas em hospitais, desorientadas, mas ainda vivas.

Apesar do sofrimento, porém, é o povo tailandês que mais consola Susanne. Um homem fica com ela até tarde da noite, traduzindo para o tailandês a descrição de sua família.

Em 5 de janeiro de 2005, aparece no centro da cidade um representante da força aérea tailandesa, que continuou a busca de sobreviventes muito depois de as ONGs internacionais terem desistido. Parentes desesperados se reúnem, esperançosos. “Não vamos achar mais ninguém”, diz ele. A força aérea encerrara as buscas.

Susanne, no entanto, ainda tem esperanças. Exige ir até Khao Lak, embora as autoridades suecas a de-

sestimulem. “Tenho de ver onde elas estavam”, argumenta.

Em Khao Lak, encontra uma devastação arrasadora. Os bangalôs à beira da praia sumiram; os escombros são o único indício de já terem existido.



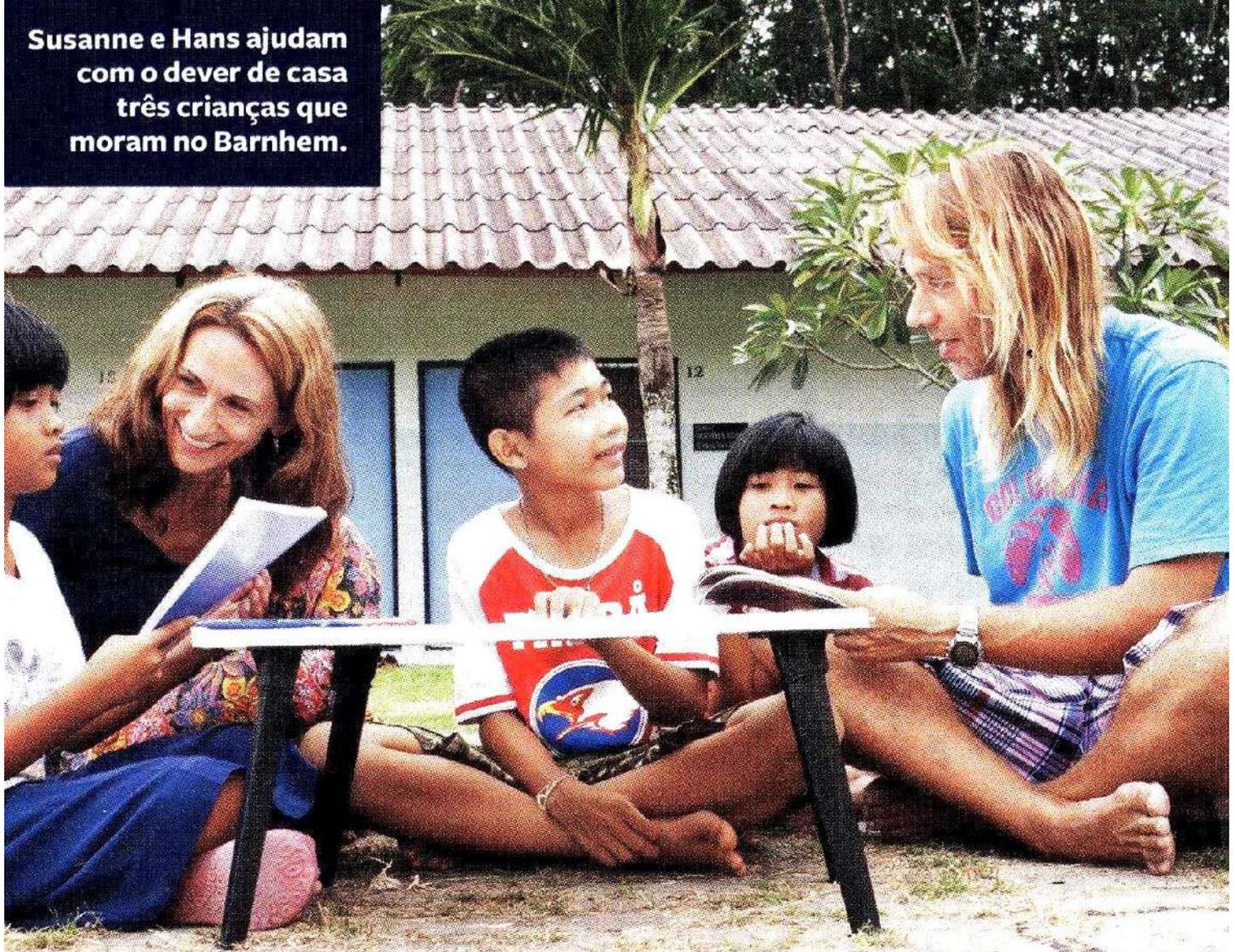
Verão de 2004. Quatro meses antes do tsunami, Josefín (à esquerda) e Eleonor com a mãe na Suécia.

Há roupas, bagagens e televisores espalhados no alto das palmeiras. O cenário é completamente cinzento, tudo coberto de lodo. Susanne percebe que sobreviver teria sido um milagre.

O mundo de Susanne está despedaçado. No dia seguinte, durante o voo de volta, ela só deseja dormir para sempre. “Só quero morrer”, diz a Hans.

Nos dois meses seguintes, Hans, consternado, vê Susanne cair em pro-

Susanne e Hans ajudam com o dever de casa três crianças que moram no Barnhem.



funda depressão. Ela raramente se levanta da cama. A mãe e a tia dela vão morar com o casal para ajudar Hans a enfrentar a situação.

Certo dia, na cama, Susanne lê uma reportagem indicada pela tia sobre uma família sueco-tailandesa que, com doações de sobreviventes suecos, ajuda vítimas do *tsunami*.

Susanne levanta-se para tomar banho e, enquanto a água quente escorre por seu corpo exausto, tem uma ideia: ser voluntária nesse lar na Tailândia e ficar mais perto de Josefin e Eleonor. Pela primeira vez desde o desaparecimento das filhas, ela sente a imaginação se acender com a possibilidade de um objetivo. Liga para Hans:

– Sabe aquela reportagem sobre o novo lar para crianças e famílias em Phuket? – pergunta, sem saber como ele reagirá. – Acho que devíamos ser voluntários lá.

– Isso, isso – diz Hans sem hesitar um instante. – Vamos, sim. – Hans também luta com a tristeza quando se lembra das meninas que moraram com ele durante os últimos cinco anos e eram como filhas.

Eles procuram o *e-mail* dos fundadores do lar e são estimulados a ir. Susanne pede uma licença de três meses do cargo de gerente de contas de uma agência de publicidade. Hans interrompe os estudos na Universidade de Estocolmo. Alugam o apartamento. Quando Susanne conta

ao pai, a angústia que ele tem nos olhos se transforma instantaneamente em compreensão e alívio.

– Vá – diz ele. – Eu sabia que você encontraria uma saída.

No início de março de 2005, quando chegam a Barnhem (“lar das crianças”, em sueco), Susanne e Hans voltam a encontrar o caos. O pequeno grupo de modestos prédios brancos de concreto na região nordeste da ilha de Phuket, a menos de 10 quilômetros de uma das praias devastadas pelo *tsunami*, ainda está em construção, mas assim que cada novo teto se completa as famílias se instalam, estando o apartamento pronto ou não.

Susanne e Hans se juntam à barulheira desorganizada como se ligassem o piloto automático. Eles

do *tsunami*. Susanne insiste em ver os restos mortais das filhas. Não há muito a ser visto, mas ela consegue reconhecer o formato do corpo, o contorno dos ossos, como só uma mãe seria capaz.

As exigências do lar distraem Susanne, mas ela luta com a angústia e se pergunta: *Quando esses sentimentos vão passar?* Fica impressionada com as tailandesas com quem trabalha, que, como ela, perderam seus filhos. Elas não ficam pensando na perda. Para elas, a morte faz parte da vida. *Nunca superarei isso, mas ainda assim posso ser feliz*, Susanne se dá conta.

Nos três meses seguintes, Hans vê uma mudança. Nota que, em vez de se arrastar, Susanne acorda com energia, ansiosa para chegar a Barnhem e trabalhar. Ele percebe que, quanto mais

Hans vê uma mudança; quanto mais dá aos outros, menos Susanne se concentra em si.

passam os dias cumprindo uma tarefa de cada vez. Com boa parte de Phuket destruída, suprir as necessidades mais básicas – comida, água potável, abrigo – é um desafio.

Em meio a isso tudo, os corpos da família do ex-marido de Susanne são todos identificados; apenas um menino de 13 anos sobreviveu. Ondas de desespero a invadem novamente, e ela fica horas prostrada na cama. Só abandona a esperança por completo quando Josefín e Eleonor são identificadas, uns seis meses depois

dá aos outros, menos Susanne se concentra em si; as crianças são, para ela, uma fuga do sofrimento.

Certo dia, Hans entra no escritório de Barnhem e escuta Susanne falar. “Tínhamos pensado em ficar aqui só três meses”, diz ela a outro voluntário, “mas acho que ficaremos até o fim do ano, mais seis meses, se Hans concordar.” É a primeira vez que Hans escuta Susanne se referir ao futuro.

Em julho de 2005, quando os fundadores do Barnhem lhes pedem que permaneçam como funcionários para

gerenciar o lar, Hans novamente concorda sem hesitar. Informam ao chefe de Susanne, aos professores de Hans e às suas famílias que não voltarão. Mandam todos os seus pertences para um depósito. Precisam começar uma vida nova.

Com o passar dos meses, eles se instalam. As famílias partem de Barnhem para reconstruir seu lar com a ajuda das ONGs. Ainda assim, enquanto essas pessoas dão prosseguimento a suas vidas, Susanne e Hans, como muitos ocidentais, tentam entender a devastação do *tsunami*. A necessidade emocional dos voluntários dura mais do que as necessidades básicas das vítimas. Susanne e Hans percebem que, com tantos grupos de ajuda auxiliando as vítimas do *tsunami*, eles podem dar atenção aos vários tailandeses que, muito antes do desastre, viviam na pobreza. Agora o Barnhem recebe qualquer criança ou família necessitada, não só as vítimas do *tsunami*.

Nos seis anos seguintes, enquanto se adapta à nova vida e aprende a falar tailandês, Susanne assume o papel de matriarca da nova família – até 47 crianças ao mesmo tempo, dez funcionários tailandeses e um punhado de voluntários, na maioria suecos. Toda manhã, enquanto as crianças estão na escola, ela trabalha no pequeno escritório local e procura doadores, conversa sobre as crianças com a equipe, controla as finanças.

Mas, assim que a caminhonete branca do Barnhem para e as crianças saltam correndo para o pátio gramado,

Susanne se concentra totalmente nelas. As mais novas entram nos quartos coletivos simples só para largar a mochila, e saem correndo, gritando e rindo até a sala de brinquedos para pegar um caminhão, um livro de histórias ou um bichinho de pelúcia. As crianças maiores se reúnem em torno da mesa de pingue-pongue ao ar livre. Outras se sentam com voluntários nas mesas de piquenique para fazer o dever de casa.

Susanne adora esse tempo livre, e também entende a sua importância. Ficar com as crianças o máximo possível é a única maneira de saber como elas realmente se sentem.

A princípio, Praew*, uma das primeiras a chegar a Barnhem sem ter sido vítima do *tsunami*, é muito tímida e recolhida. Susanne passa muitas horas com a menina, conversando e ajudando-a com o dever de casa. Praew cresceu no norte da Tailândia, uma das regiões mais pobres do país. O pai sumiu, e o paradeiro da mãe continua desconhecido. Susanne espera que a presença confiável dela e de Hans e a paz de Barnhem ajudem Praew a vislumbrar um futuro fora da pobreza e da instabilidade. Feliz, Susanne observa Praew se tornar mais extrovertida e ir bem na escola – mas continua preocupada com a menina. Vai se apaixonar por um menino e engravidar? Algum parente a tirará da escola para trabalhar e ganhar dinheiro?

No início de 2011, Susanne senta-se

* Nome trocado para proteger privacidade.

com Praew, aos 15 anos, e pergunta se ela quer ingressar na faculdade. Embora a menina responda com hesitação, Susanne vê nela uma mudança imediata. Depois da conversa, Susanne escuta Praew dizer com confiança a um voluntário que pretende frequentar a universidade depois do ensino médio.

É uma tarde quente e úmida de julho de 2011. Um rapaz deitado no chão do escritório do Barnhem dá arroz a uma criança pequena. Fame, de 18 anos, que chegou ali aos 12, é o primeiro menino de Barnhem a se mudar para um apartamento próprio e começar o curso universitário patrocinado por uma família sueca. Toda semana, ele volta ao orfanato para ajudar as crianças menores. “Essa também é a minha família”, diz.

Os olhos azuis e penetrantes de Susanne se animam quando ela fala rapidamente com ele em tailandês. Com fingida severidade, diz que precisam

conversar, porque ele está gastando dinheiro demais. Mas a expressão de ternura no rosto a trai.

Mais tarde, Susanne se recosta numa cadeira, apimentando a conversa tranquila com saudações entusiasmadas – “*sawadee ka!*” – enquanto as crianças de Barnhem voltam da escola.

A vida de Susanne e Hans na casa simples de estilo tailandês – acordados toda manhã pelas galinhas da aldeia – está muito distante do apartamento espaçoso no centro de Estocolmo e do mundo veloz da publicidade onde Susanne já viveu. Essa vida nova é muito diferente da outra, em que o mundo girava em volta das animadas filhas adolescentes, Josefin e Eleonor.

– A felicidade é algo que antes eu tinha de graça – diz Susanne devagar, o olhar se afastando além do pátio de Barnhem. – Agora tenho de trabalhar por ela. E tenho de viver por três.

SIM, SENHORA!

Meu amigo Glenn convidou-me para um almoço, para me apresentar a sua noiva, Jennifer. Resolvi fazer uma surpresa e pedi a Becky, uma outra amiga, que viesse também. Na última hora, Glenn telefonou dizendo que Jennifer tinha uns assuntos a tratar e ia se atrasar. Então eu disse a ele que Becky ia ao almoço e que era muito tarde para avisá-la da troca de horário.

Então, fazendo graça, comentei:

- Sua noiva não deixa você almoçar com duas mulheres desconhecidas?
- Você deve estar brincando comigo! – respondeu ele. – Sou um cara moderninho!
- Quer dizer que você pode mesmo vir com a gente?
- Significa que tenho de pedir autorização a ela.

Beverly A. Brice